

26º SEMINÁRIO NACIONAL DE ARTE E EDUCAÇÃO
O ENSINO DA ARTE EM TEMPOS DE CRISE
5º ENCONTRO REGIONAL SUL DA REDE ARTE NA ESCOLA

# Oficina de teatro: um espaço de/para/em construção

*Rita de Cássia Schell Réus*[1]

**Resumo:** Este estudo aborda práticas teatrais aplicadas na oficina de teatro, na Escola SESI Montenegro. Se propõe a pensar *como transformar este em um espaço de criação e reflexão.* Relata a metodologia empregada na oficina para introduzir fundamentos básicos das artes cênicas e conduzir os participantes na construção da montagem de uma leitura encenada. As reflexões propostas têm suporte nas pesquisas de Jean-Pierre Ryngaert, Viola Spolin, Peter Brook.

**Palavras chaves:** Oficina de teatro; Teatro na escola; Jogo.

Este texto apresenta um estudo sobre as práticas aplicadas na oficina de teatro, na Escola SESI Montenegro[2]. Em um espaço que objetiva proporcionar aos alunos de diferentes turmas a oportunidade de ampliar sua vivência teatral. Com vistas a uma proposta de construção de um lugar em que os participantes possam exercitar sua autonomia por meio da elaboração cênica. Sendo assim, como transformar este em um espaço de criação e reflexão?

Em um panorama mais amplo é possível determinar que este é um lugar de aproximação entre a linguagem teatral, diferentes textos e manifestações artísticas. Partindo do entendimento de que

> [...] uma das perspectivas das oficinas consiste em definir, em cada circunstância, formas de "apresentação" que diversificam os rituais de acordo com os objetivos estabelecidos com o grupo. Mais vale exibir um exercício que se apresenta como tal e tende ao espetáculo, do que uma representação ambiciosa demais que esbarra no ridículo [...] (RYNGAERT, 2009, p.31)

Portanto a oficina mais do que pretender chegar a um produto visa expandir as potencialidades criativas dos estudantes por meio das atividades teatrais.

---

[1] Rita Réus é professora de teatro, atriz, diretora e mestranda em Processos e Manifestações Culturais/ Feevale.

[2] Escola SESI de Ensino Médio Montenegro. R. Campos Neto, 455 - Senai, Montenegro - RS. Inaugurada em fevereiro de 2017.

Partindo da concepção de que o teatro é uma das expressões artísticas mais acessíveis por contar com uma ferramenta de trabalho disponível a qualquer indivíduo, o corpo. Este sendo um corpo convidado ao estado de jogo, pois ao jogar

> Todas as partes do indivíduo funcionam juntas como uma unidade de trabalho, como um pequeno todo orgânico dentro de um todo orgânico maior que é a estrutura do jogo. Dessa experiência integrada, surge o indivíduo total dentro do ambiente total, e aparece o apoio e a confiança que permite ao indivíduo abrir-se e desenvolver qualquer habilidade necessária para a comunicação dentro do jogo. (SPOLIN, 1987, p.6)

O jogar nesse sentido está vinculado às atividades lúdicas, jogos teatrais e dramáticos, técnicas de percepção corporal e espacial, práticas teatrais que introduzem fundamentos básicos das artes cênicas. A metodologia empregada na oficina está organizada para conduzir os participantes de modo fluído, onde as atividades se inter-relacionam servindo de base uma para a outra, da seguinte forma:

a) Momento 1- Aquecimento: exercícios de respiração, corpo e voz, relação com espaço e o outro;

b) Momento 2- Expressão corporal: pesquisa do repertório de movimentos com exercícios de expressão corporal e vocal, jogos teatrais e dramáticos, em dupla e em grupo, seleção/ criação de textos e/ou imagens;

c) Momento 3- composição de cenas;

d) Momento 4- Compartilhamento: Encerramento do encontro, espaço para que cada participante fale sobre sua percepção de como está sendo o processo e como se percebe dentro dele.

A oficina acontece nas sextas-feiras à tarde das 14h15 às 16h, é aberta para todos os alunos interessados. No ano de 2017 possuía um outro formato com horário reduzido, passando a ter este molde em março de 2018. Nas primeiras semanas a oficina teve uma ótima adesão chegando a ter um total de 23

participantes. Contudo, a instituição oferta outras atividades e depois de um momento de experimentação alguns optaram por outras oficinas. Além disso, este é o único turno da semana em que os alunos têm a possibilidade de ter livre, pois a escola é de turno integral.

As atividades propostas foram direcionadas para proporcionar o desenvolvimento da autonomia, partindo da reflexão crítica sobre o processo criativo, a relação com as ideias individuais e coletivas, unindo para elaboração de uma montagem cênica. Buscando priorizar a escuta do grupo, com exercícios que estimulam a concentração, a presença e a percepção do espaço e do outro, pois

> A verdadeira escuta exige estar totalmente receptivo ao outro, mesmo quando não se olha para ele. Essa qualidade não se aplica somente ao teatro, mas é essencial ao jogo, uma vez que assegura a veracidade da retomada e do encadeamento. A escuta do parceiro comanda, em larga medida, a escuta da plateia. Estar alerta é uma forma de sustentação do outro, qualquer que seja a estética da representação. (RYNGAERT, 2009, p.56)

Depois de algumas semanas de experimentação surgiu a possibilidade que criássemos algo para mostrar na semana literária. O grupo de trabalho mudava aula a aula, alguns vinham em um dia e no outro não. No entanto, a proposta de elaborar uma leitura encenada suscitou o comprometimento de oito alunas. Elas queriam encenar Shakespeare, mais precisamente, Romeu e Julieta. Então resolvemos iniciar esse processo de montagem a partir da criação de um roteiro. Este foi empregado como ponto de partida, uma referência para que as alunas começassem a criar. Quanto a criação de roteiro Jean-Pierre Ryngaert diz que:

> Na tradição de improvisação com roteiro, os jogadores inventam, em linhas gerais, uma narrativa prévia tentam jogar. O roteiro dá segurança para aqueles que se sentem paralisados pela improvisação sem nenhum ponto de referência e faz parte das propostas mínimas de ponto de partida da improvisação. (*op. cit*, 2009, p.115)

Apesar de contarmos com uma história amplamente conhecida, para que o grupo tivesse apropriação dela e a torna-se a sua versão da história foram necessários encontros extras além dos já previstos na oficina. Aos poucos por meio

dos exercícios e do compartilhamento de ideias escolhemos as cenas que acreditávamos serem fundantes da narrativa. Nossa versão de Romeu e Julieta, conta com oito adolescentes que ora são narradoras, ora são personagens. Seus personagens não são fixos, elas são tanto o 'nobre Romeu' quanto 'a bela Julieta'. Utilizam poucos acessórios: bastões, uma capa, máscaras e coroas de flores. Para ambientar as cenas criamos uma trilha selecionada, na operação de som o único menino participante. Na semana literária realizamos duas apresentações na escola. A recepção dos demais alunos foi muito positiva e até emocionada. Ainda realizamos apresentações para os pais no mês de maio e para um grupo de alunos da Escola Municipal José Pedro Steigleder[3], em junho.

Entretanto, a criação desta montagem é apenas um recorte do trabalho desenvolvido na oficina é sim uma obra resultante de um processo que vale por si mesmo, de um estudo que passa pelos corpos e mentes dos participantes que corrompe estruturas das narrativas habituais e cria novos espaços de interação e possibilidades de ver uma história que pode ter sido contada por Shakespeare há alguns séculos, mas que pode também dizer da nossa vontade de criação, do nosso desejo de expressão. A oficina não pretende formar atores, almeja construir espaço de trocas e reflexões e permitir que o teatro possa ser simplesmente o que é: arte. Que dispense a necessidade de explicá-lo, que seja possível vivenciar suas práticas e dar vida e pulso ao encontro, ao entre, àquilo que só se pode perceber, mas não tocar. Criar uma tessitura entre atores e espectadores, para elaborar uma trama construindo pontes entre nós, como somos habitualmente em condições normais, trazendo conosco nosso mundinho de todo o dia, e um mundo invisível que só pode se revelar quando a insuficiência da percepção ordinária é substituída por outro tipo de consciência cuja a qualidade é infinitamente mais aguda. (BROOK, 2002)

[3] Escola Municipal José Pedro Steigleder. Rua Campos Neto, 665 - Timbaúva, Montenegro-RS.






**Referências**

BROOK, Peter. *A porta aberta*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

RYNGAERT, Jean-Pierre. *Jogar, representar*. São Paulo: Cosac & Naify, 2009.

SPOLIN, Viola. *Improvisação para o teatro.* São Paulo: Perspectiva, 1987.